

A Arca de Arthur Bispo do Rosário¹

Tania Mara Galli Fonseca²

Para falar da obra de Bispo, talvez fosse interessante iniciar situando sua principal ideia. Aquela ideia tornada delirante e desmesurada, que o perseguiu e o enclausurou, expulsou-o da cidade e dos mares, trancafiou-o num exílio hospitalar psiquiátrico de 50 anos. Bispo, ex-pugilista, ex-marinheiro, ex-empregado doméstico torna-se o enclausurado, o paciente psiquiátrico afastado do convívio social aberto. Da mesma forma que o perseguiu e consumiu seus dias, a ideia de mostrar a Deus o que conhecera na Terra em que existiu também o tornou artista. Concentrado em sua cela, ouvindo vozes que lhe ordenavam que salvasse o mundo dos homens, Bispo realizou uma obra estética como oferenda a seu deus, sentido como perseguidor exigente. O que Bispo inventariou e colecionou foram nomes e objetos que ele julgava deveriam ser salvos diante de deus. Um deus, é verdade, que, se formos pensar, não se traduzia como onisciente, onipresente e onipotente, restando a ele, Bispo, mostrar-lhe o que se traduziu como existência no período de sua vida e nos estreitos caminhos de sua própria subjetivação. Que deus seria este, ao mesmo tempo soberano ao ponto de governar uma vida e ao mesmo tempo tão carente de sabedoria? Não seria um deus tornado humano, falho e insuficiente, incapaz de se atualizar a respeito de nomes, coisas e artefatos úteis à existência? Um deus materialista, que se sentiria aplacado em amealhar coleções de coisas inúteis ao seu próprio viver espiritual? Este deus-humano criado por Bispo, tal como o homem, também precisava ser dotado de posses, de presentes materiais talvez para se reconhecer em cada um deles, porque de tão vazio já seria aquilo mesmo que a face dos produtos apontava? Ou se trataria de deus como dono de corpos, capaz de ajuizá-los e demonizá-los pelas dívidas que sussurrava aos seus ouvidos? Seria aquele deus que, pela simples presença de sua voz, se apoderava do homem tornando-o doente de sua história, doente de suas promessas não cumpridas, doente de culpas? A criação deste deus, vingador e salvador, soberano e insuficiente, mostra-nos o deus das religiões dos homens ao qual Bispo dedicou sua obra e sua vida, até o final de seus dias. Em nome dele, suportou a clausura, embora se tenha registros de que, muitas vezes, procurou evadir-se dela. Mas, sempre voltava e, então, acabou ficando, conformado com sua situação, tomando a deus como seu remédio e como seu veneno.

Entretanto, a visão crítica da vida dos homens, aquilo mesmo que o fazia envergonhar-se de ser homem e de estar entre eles, fez com que, em sua tresloucada faina viesse a apresentar a deus as coisas não como elas eram simplesmente. Em suas operações, Bispo envelopou-as de uma segunda pele, teceu a cada um dos artefatos escolhidos com fios cuidadosamente retirados das próprias roupas do hospício, fios azuis. Destecia para tecer a coisa e transformá-la em objeto de adoração e oferta ao divino. A apresentação de seu mundo a deus revela-se minuciosa, seletiva, organizada, envolta em cores, mesmo que ainda mantenha a aparência tosca ou rústica de sua origem. A segunda pele dos envoltórios foi tecida como se a deus não fosse conveniente tocar diretamente as coisas dos homens. Elas precisavam de uma alma, de uma cor, de

uma maciez. Precisavam ainda ser numeradas, ordenadas e classificadas para evitar embarços no momento de sua recepção, precisavam ser tiradas do caos de sua procedência, tornarem-se elas mesmas apenas memória do que foram e não mais a matéria crua e nua que as constituiu. Impregnado pelo delírio místico, e sabedor que fora de ensinamentos da moral religiosa, Bispo torna-se um sacerdote de deus, cuja voz ele aceita e se deixa por ela ordenar, não lhe restando senão deixar-se levar pelas transcendências que o inspiraram a fazer o que os padres fazem nas igrejas católicas: a transubstanciação, ou seja, a transformação do mero pão e do mero vinho em corpo e sangue de Cristo. Não mais farinha, não mais uvas espremidas, agora o que se tem em taças e ostensórios de ouro é o próprio corpo e sangue santificados e tornados oferta suprema. Dizendo-se Jesus Cristo e chamando-se Bispo, não é de surpreender que estes nomes possam ter sido elementos a considerar na vida e obra deste artista. Então, se assim nos autorizássemos a dizer, mesmo que em tom de fabulação, que cada coisa esteticamente preparada e tecida por ele era ele próprio em corpo e sangue derramado. Comparado a Noé, veio salvar o homem e as coisas do homem. É verdade que a salvação pretendida restringiu-se ao seu próprio mundo, seja aquele vivido fora do hospício ao qual acedia pela como memória do passado, seja aquele de seus dias e anos de clausura. Se Noé colecionou em sua arca espécimes vivas do mundo, colocando casais para assegurar sua continuidade, com Bispo as coisas foram um tanto diferentes, mas mesmo assim podemos pensar que ele teve sua arca e a preencheu de coleções e tesouros. Suas ofertas a deus - as coisas que juntou, as vitrines e *assemblages* que construiu, os bordados que teceu, o manto sagrado e sacerdotal que costurou e enfeitou, o qual deveria vestir seu corpo negro e doente na sua passagem desta para a vida eterna - nos levam igualmente a pensar sua obra como expressão de uma máxima potência de recusar suas origens de negro, pobre, louco e excluído. Tal como fez com cada coisa que separou e distinguiu com seu bordado e tessitura, Bispo também poderia estar afirmando sua recusa à condição de coisa desclassificada, utilitária, consumível e descartável. O mundo das coisas transfiguradas e deslocadas de sua ordinária utilidade e funcionalidade expressa-se tanto como testemunho de sua consciência de excluído quanto como grito de sua recusa a tal condição. Sabe-se que, em sua vivência hospitalar, “nunca perdeu a pose”, negando-se a deixar-se medicar, eletrocutar ou lobotomizar, como teria possível àquela época. Tampouco frequentava o atelier de artes do hospital, preferindo, em sua solidão povoada de vozes divinas, erguer sua voz em sua própria cela que, aos poucos, foi se expandindo mais e mais por outros espaços do pavilhão, até que o tornasse um verdadeiro proprietário de tesouros dos quais não queria separar-se ou colocar em comodato.

Bispo reencanta o mundo. Sua obra se assemelha à de grandes outros artistas, embora não se possa dizer que deles tenha tido notícia. Guiado pelo vigor de seu senso estético, realizou o inventário de seu mundo classificando coisas, separando-as, distinguindo cada uma por qualidades e critérios indissociados de sua experiência e de seus saberes. Sabe-se que, em sua cidade sergipana, o bordado era costume de homens. Da mesma forma se observa, em algumas de suas obras, os complicados nós que os marinheiros sabem fazer, levando-nos a crer que enquanto trabalhava, Bispo fazia durar sua experiência de homem do mundo, dando-lhe sopros de novos sentidos, porque agora

os nós feitos já não amarravam velas e mastros, os bordados não enfeitavam toalhas de mesa, sendo deslocados de sua original funcionalidade, ganhavam uma outra altura ao serem impregnados de critérios estéticos. Bispo já não navegava mais em alto mar, e tampouco residia em sua cidade natal, fazendo-nos pensar sua obra como obra-tempo, obra da duração. Na loucura que o fez cair em catástrofe porque o fez cair em um hospício sem nunca ter recebido uma visita sequer durante os 50 anos em que lá esteve, Bispo viveu sua obra como sua própria vida, nunca se dizendo artista e nunca negando sua missão divina. Reencantou o concreto do deserto institucional em que vivia, desviou-se da miséria dos seus referentes e significados, rachou a vulgaridade e a banalidade dos objetos, fazendo desprender dos mesmos algum murmúrio, tirando-os de sua palidez e de sua mudez, porque mesmo que não falem, todas as peças de sua grande obra possuem uma voz, um rosto que não é mais o simples semblante e a mera face. Elas expressam algo diferente desde que foram envoltas na segunda pele. Mostram-nos que as coisas não são apenas aquilo que parecem ser. Elas podem vir a ser outras. Que os nomes próprios são puros afetos, que os nomes de ruas, por sua vez, são pistas de encontros vividos na cidade, que as embarcações são moradas no mar, que os nós de marinheiros são trabalho árduo para apertar e segurar aquilo que quer deslizar e soltar-se, que os bordados indicam alguma infância vivida, são indiciários de alguém que se curvou sobre a criança e, pacientemente, ensinou-lhe a colocar a linha na agulha, que os fios destecidos e reaproveitados apontam para a tarefa de um eterno retorno dos elementos para fazerem novas composições e novos planos.

Deslocando e reunindo, Bispo retira as pobres peças e os nomes que as designam de seu sentido figurativo e utilitário para dar-lhes uma espécie de nudez, revestindo-as da névoa dos restos que restam a dizer sobre tudo o que há de silenciado no mundo de sua existência. Mostra-nos, com seu ardor pelo reencantamento, a possibilidade de arruinar a linguagem das coisas ditas e sabidas, operando, com fios e objetos, o deslocamento destrutivo do sentido unívoco de nosso mundo significado. A cada pá, a cada prego, a cada caneca ou bota que tenha lhe passado pelos olhos e por sua vida, Bispo resolve, em seu delírio, conservá-lo, atando-o a nós de marinheiro, desfiando lençóis e roupas para perseverar uma essência nua de cada coisa, cada qual com sua forma, com suas curvas, assinaladas e duplicadas pelos fios que as envolvem. Se pudéssemos pensar em sua cabeça, diríamos que ele as via como sinais, como signos que não portavam apenas um conteúdo pragmático, mas que podiam, tal como o fez Duchamp, tornarem-se outra coisa quando deslocados de suas funções demasiadamente humanas e coisificadas. Com Bispo, vemos elevar-se o mundo de nossas aparências. Vemos que seu rosto não se reduz à sua face, ao que nos é defrontado como sua evidência. Os entes portam sentidos transversais, guardam em si um vazio, um resto a dizer, há algo neles que é silêncio. Mesmo que tenham sido ditos e designados, eles guardam, ainda, uma noite que não os faz de todo claros, que nos equivoca e que faz nos arrependermos de tomá-los na analítica de uma verdade. As coisas, o mundo das coisas são mundos de homens. Contemplam, assim, lugares de possíveis e de impossíveis a serem expressos, são desertos à espera de um povo, povo que poderá chegar para enunciá-las desde sua mudez, fazê-las gaguejar mediante o impossível impensado que nelas se acha contraído. Quais tempos humanos e impessoais estariam contraídos em

uma pá de pedreiro? Quantas multidões participaram de sua criação histórica? Quantas histórias poderíamos narrar a um deus que quer saber do mundo dos homens, a respeito dos inúmeros movimentos e engenhos que tornaram possível a existência de cada coisa, de cada rua, de cada ser, de cada nome próprio? Qual história estaríamos contando a deus, senão a da própria humanidade contemplada em cada coisa que manuseamos de forma ordinária e banal? Estaríamos contando a história tipificada de uma coisa inerte, ou estaríamos nela vendo o nosso rosto, o de todos nós e dos que nos antecederam e nos prosseguirão?

Parece-nos ser possível dizer que, falando a deus, a esta instância vazia e noturna, Bispo quer falar a história condensada que vivemos e, para além de sua própria experiência egoica, ele coloca, a deus, um problema. Mostra-lhe a capacidade criadora do próprio homem, que, forja e produz seus modos de vida criando instrumentos para construir casas de morar, cercas para proteger, barcos para viajar e transportar, roupas para vestir. Natura e Cultura se fundem, Natura e demiurgo são indissociáveis e ainda, que se o mundo dos homens é fabricado por sua potência criadora, as coisas do mundo refletem, elas mesmas, a história da humanização. Nosso presente é apenas a ponta visível dos instantes que passam, estando mergulhado por um imenso passado que o corrói e ao mesmo tempo o alimenta. Que o homem, apesar das catástrofes que lhe acontecem, dos incêndios que o queimam, é um ser indestrutível, exatamente por sua capacidade de refazer, retecer e fazer durar as forças selvagens e indomáveis de uma vida em estado de incessante devir. Mesmo nos homens mais despossuídos e marginalizados, como foi Bispo, que após, como sabemos, após morrer foi enterrado como ignorado em uma cova rasa de um cemitério qualquer, revela-se este *conatus* da perseverança do ser que está no corpo, grudado a ele por seu feito de força vital, intensidade pura, ilocalizável e, contudo, presente em cada pequena célula de seu organismo. Em Bispo, em vida-obra, em sua obra-vida, vemos que o destino do homem não se refere a um caminho já delineado e transcendente a ser seguido. Destino aqui se torna aquilo que fazemos de nossas contingências, o modo como usamos nossa singularidade para dar respostas à altura daquilo que nos acontece e que não nos cabe a liberdade de escolher. Nossa liberdade vem depois dos acontecimentos, é a partir deles que podemos vir saber o que pode nosso corpo para fazer-nos à altura daquilo que a vida nos pede. Destino para ser amado como nosso pior inimigo, porque é aquilo que nos põe em combate e nos faz agir sobre nosso corpo e nosso mundo.

¹ Trabalho apresentado no Seminário TECENDO VOU SENDO: TESSITURAS A PARTIR DA OBRA DE ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO. PPGPSI/PPGAVI/ 22 de junho de 2012.

² Professora do PPGPSI e PPGIE/UFRGS